

# CRIAÇÃO, DESTRUIÇÃO E REALOCAÇÃO DE EMPREGOS EM PAÍSES SELECIONADOS: UMA META-ANÁLISE.

Ricardo Schmidt Filho<sup>1</sup>  
Luiz Alberto Esteves<sup>2</sup>  
Maurício Bittencourt<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo realizou uma meta análise para os fluxos de criação, destruição e realocação de trabalho a partir de 62 artigos científicos para 35 países em um período que vai de 1963-2007. A análise procurou esclarecer alguns fatos estilizados da literatura do tema como a divergência de resultados entre o setor industrial e o setor serviços, diferenças entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento, relação entre crescimento econômico e abertura econômica e os fluxos de trabalho. Os principais resultados encontrados foram: 1) o setor industrial destrói mais empregos e cria menos empregos do que a economia como um todo; 2) os mercados de trabalhos tornaram-se mais flexíveis com o passar das décadas, com maiores fluxos de emprego década após década; 3) Os países da *Civil Law* têm taxas de criação e de variação líquida superiores aos países da *Common Law*, que por sua vez apresentaram uma taxa de destruição superior; 4) Os países emergentes apresentaram taxas superiores em todos os fluxos quando comparados com os países da OCDE e às economias em transição; 5) Os países em desenvolvimento apresentam uma criação de empregos maior que os desenvolvidos e 6) Quanto maior o crescimento e quanto maior a abertura da economia, maior será a criação líquida de empregos, uma vez que a destruição se torna menor.

Palavras-chave: Emprego; Rotatividade; Meta-análise.

**Abstract:** This paper uses meta-analysis to investigate job creation, job destruction, and job reallocation among 62 studies for 35 countries for the period 1963-2007. The analysis aimed to clarify some stylized facts from the literature about the topic such as the differences among industrial and service sectors, differences among developing and developed countries, the relationship among economic growth, opening of the economy, and job flow. The main results found were: 1) the industrial sector destroys more jobs and creates fewer jobs than the rest of the economy; 2) the labor markets became less flexible over time, with larger job flows after every decade; 3) the Civil Law countries have rate of job creation and net job variation larger than those Common Law countries, whose rate of job destruction is larger; 4) the emerging countries presented larger rates for all flows analyzed when compared to the OECD countries and to the transition economies; 5) the developing countries showed larger rate of job creation than the developed ones; and 6) the larger the economic growth and market opening, the larger is the net rate of job creation, since the job destruction is smaller.

Keywords: Employment; Job Flows; Meta Analysis

---

1Doutorando em Desenvolvimento Econômico – UFPR. Bolsista CAPES. E-mail: rschmidtilho@hotmail.com

2 Professor do Departamento de Economia da UFPR. E-mail: esteves@ufpr.br

3 Professor do Departamento de Economia da UFPR. E-mail: mbittencourt@ufpr.br

## INTRODUÇÃO

Este artigo trata de uma meta-análise que visa a compreensão de aspectos atrelados à literatura sobre fluxos de emprego. A virtude de uma meta-análise é a possibilidade de verificação de quais os impactos de variáveis como o tipo de legislação trabalhista, o grau de abertura da economia, crescimento econômico, nível de investimento, nível de desenvolvimento, setores econômicos e o período temporal (décadas) sobre os fluxos de emprego.

A análise destas questões não pode ser realizada quando o objeto de estudo é apenas um país, uma vez que dentro de um mesmo país não se pode avaliar, por exemplo, a diferença de origem legal da legislação trabalhista ou diferença de desenvolvimento entre países, já na meta-análise possibilita este tipo de estudo.

Com este objetivo foram coletados dados de 62 artigos científicos<sup>4</sup>, totalizando 35 países que cobrem um horizonte temporal de 1963 até 2007, e com base nestes dados, e outros coletados junto ao Banco Mundial<sup>5</sup> e no centro de comparações internacionais de produção, preços e renda da Universidade da Pensilvânia<sup>6</sup> partiu-se para a realização da meta análise.

Procurou-se analisar como os fluxos de emprego se comportaram ao longo das décadas analisadas (1970, 1980, 1990 e 2000) no intuito de verificar se os mercados se tornaram mais flexíveis ao longo das décadas, tendo em vista o advento de políticas mais liberais em praticamente todo o globo. Outro aspecto da análise é a origem legal da legislação trabalhista<sup>7</sup> (*Civil Law* e *Common Law*).

Outro aspecto é a comparação entre os resultados dos trabalhos que se destinam apenas à indústria em relação aos trabalhos que avaliam todos os setores, pois o intuito é a verificação do fato estilizado de que a indústria cria menos e destrói mais empregos que o setor de serviços.

Também é observada a distinção entre o grau de desenvolvimento entre os países, uma vez que a literatura e os fatos estilizados indicam que os países em desenvolvimento apresentam fluxos mais elevados que os países desenvolvidos. Para enfatizar melhor esta questão os países foram organizados em três conjuntos, OCDE, Emergentes e Em Transição, e assim observadas as dinâmicas dos fluxos entre os blocos.

Por fim são avaliados dois aspectos presentes em vários artigos desta literatura, como o crescimento econômico impacta nos fluxos e de que forma o grau de abertura<sup>8</sup> traz impactos sobre a dinâmica de emprego.

Este artigo é composto por 3 seções além desta introdução. Na seção 2 parte-se para a discussão dos principais fatos estilizados e definições sobre o tema. Na seção 3 se discutem os aspectos metodológicos, os dados do trabalho e os principais resultados encontrados. Por fim, na seção 4 são feitas considerações finais.

---

4 O anexo A ao final do trabalho relaciona todos os trabalhos consultados, bem como as respectivas referências bibliográficas.

5 [WWW.bancomundial.org.br](http://WWW.bancomundial.org.br)

6 <http://pwt.econ.upenn.edu/>

7 Para maiores detalhes e compreensão destas formas balizadoras das legislações ver BOTERO *ET AL* (2004). O efeito da legislação pode ser considerado como um efeito fixo, uma vez que é o modelo no qual as leis de um país são constituídas, não podendo assim variar, impactam nos fluxos de trabalho, ou seja, se países da Common Law, que é uma origem jurídica mais flexível que a Civil Law apresentam maior realocação e movimentação no mercado de trabalho.

8 Aqui considerado o somatório do % de exportações e importações em relação ao PIB.

## 1. DEFINIÇÕES E OS PRINCIPAIS FATOS ESTILIZADOS

Um aspecto que vem sendo muito discutido na literatura internacional sobre mercado de trabalho é a dinâmica dos trabalhadores e de postos de trabalho, uma vez que tal análise permite o entendimento do mercado de trabalho tanto em seus aspectos micro como macroeconômicos, permitindo assim a compreensão da capacidade de realocação de recursos de uma dada economia, ou seja, da flexibilidade e capacidade de reação a choques e mudanças, sejam exógenas ou endógenas.

A flexibilidade no mercado de trabalho é uma característica importante para o bom funcionamento das economias baseadas no mercado, uma vez que está associada à eficiência alocativa da economia. DAVIS e HALTIWANGER (1999) argumentam que nas economias ocidentais (EUA, Canadá, e Europa Ocidental) cerca de 1 em cada 10 postos de trabalho são criados e 1 em cada 10 postos de trabalho são destruídos a cada ano. Estes valores conduzem a uma elevada realocação dos trabalhadores nestas economias, logo, existe uma elevada rotatividade<sup>9</sup> de trabalhadores entre os postos, fato este que passa despercebido quando apenas se analisa a questão através de análise de mudança líquida do emprego.

Uma vez que vamos analisar os fluxos de trabalho, cabe a definição destes. Como o propósito do trabalho é discutir as evidências dos fatos estilizados e estabelecer relações ainda não exploradas na literatura sem, contudo, calcular as taxas, não iremos mostrar como os fluxos são calculados<sup>10</sup>, apenas os definiremos conceitualmente.

### 1.1. Definições

De acordo com DAVIS, HALTIWANGER E SCHUH (1996, p.10), a taxa de criação (JC) de postos de trabalho é assim definida: “job creation at time t equals employment gains summed over all plants that expand or start up between t-1 and t”. Já a taxa de destruição (JD) de postos de trabalho é assim definida “job destruction at time t equals employment losses summed over all plants that contract or shut down between t-1 and t.” (p.10)

A taxa de variação líquida (NEG) é assim definida: “the net employment change at time t is the difference between employment at time t and employment at time t-1” (p.11). Desta definição surge uma relação importante: “the net employment growth rate equals the job creation minus the job destruction rate.” (p.11)

Outro conceito a ser utilizado ao longo do trabalho é o de realocação (GJR) de postos de trabalho, que é definido da seguinte forma: “job reallocation at time t is the sum of all plants level employment gains and losses that occur between t-1 and t.” (p. 12).

Por fim o último conceito utilizado neste trabalho é o de excesso de realocação (EXC) de postos de trabalho: “Excess job reallocation equals the difference between (Gross) job reallocation and the absolute value of net employment change.” (p.13).

Uma vez definidos os cinco fluxos a serem utilizados ao longo do trabalho partiremos para a análise dos principais fatos estilizados existentes nesta literatura.

---

<sup>9</sup> Esta elevada rotatividade traz consigo efeitos positivos e negativos. Os aspectos positivos são associados à possibilidade de rápida adaptação às mudanças tecnológicas, fato essencial para o crescimento econômico nos dias de hoje. Por outro lado, traz impactos negativos sobre o trabalhador, pois à medida que este se desloca entre os postos de trabalho, perde rendimentos, fica inseguro e perde bem-estar. Assim, as conseqüências adversas individuais e as vantagens de caráter macroeconômico devem ser ponderadas ao serem pensadas e estabelecidas políticas trabalhistas e a própria legislação trabalhista em um país.

<sup>10</sup> Para a compreensão da forma de cálculo recomenda-se a leitura de DAVIS e HALTIWANGER (1992).

## 1.2. Principais fatos estilizados

Alguns fatos caracterizam a literatura sobre o tema, como a grande realocação existente para que sejam criados novos empregos, ou o fato do setor não-industrial apresentar taxas de criação de postos de trabalho superiores ao setor industrial, ou ainda o comportamento dos fluxos de criação e destruição de postos de trabalho em relação ao ciclo econômico. As taxas encontradas entre empresas por tamanho e por idade também são alvos de estudos, uma vez que as pequenas e mais novas apresentam taxas de criação e destruição maiores que as empresas de maior porte, o que pode ser derivado dos menores custos trabalhistas e de ajuste enfrentados pelas menores, o que possibilita a estas uma maior flexibilidade quando comparadas às maiores empresas.

DAVIS, HALTIWANGER E SCHUH (1996, p. 17) nos apresentam as principais características, ou melhor, fatos estilizados sobre o tema<sup>11</sup>. Eles apontam que são 4 os principais fatos estilizados sobre o tema: 1) **Magnitude:** as taxas de criação e destruição de postos de trabalho são grandes. Ao se considerar o período de um ano, temos que em média um em cada 10 postos de trabalho é destruído, contudo, um número comparável de postos são criados em outras atividades; 2) **Persistência:** é verificada uma alta persistência nas taxas de criação e destruição, tendo em vista que a maior parte dos postos destruídos não reabrem na mesma localidade em um intervalo de 2 anos; 3) **Concentração:** ocorre uma concentração das taxas de criação e destruição em firmas que apresentam grandes mudanças no emprego, cerca de dois terços das taxas de criação e destruição se devem a empresas que expandem ou retraem 25% ou mais o seu emprego em um intervalo de 1 ano; 4) **Ciclo:** as taxas de destruição apresentam uma resposta ao ciclo maior que as taxas de criação. As recessões são caracterizadas por um grande aumento das taxas de destruição e por uma pequena queda na taxa de criação.

Um aspecto que deve ser mencionado é o “industrialismo” existente na análise dos fluxos de trabalho, ou seja, a focalização de inúmeros trabalhos na análise dos aspectos do emprego industrial. Assim os resultados da literatura podem sofrer um viés para a indústria, sendo uma das preocupações do atual trabalho o esclarecimento desta questão.

Contudo, mesmo com a grande diferença dos trabalhos alguns resultados podem ser observados. As variações líquidas quase nunca são maiores do que 3% (para o Brasil apenas MADUREIRA (2004) supera este valor, e para os trabalhos internacionais apenas 3 trabalhos o superaram), mas mesmo assim a taxa de realocação quase sempre é superior a 12% (no Brasil apenas RIBEIRO e PEREIRA (2006) encontram um valor inferior, e para os trabalhos internacionais apenas 3 trabalhos encontram resultados inferiores).

Muitos trabalhos buscam relacionar a expansão dos postos de trabalho com a taxa de crescimento da economia, e de forma geral se constata que a taxa média de expansão dos postos de trabalho fica dificilmente abaixo de 6%, mesmo nos anos de baixo crescimento. A realocação do emprego também ganha destaque, ficando em média no valor de 18% (CORSEUIL ET AL, 2006).

Outra característica marcante é a elevada taxa de realocação do trabalho, seja em países desenvolvidos, em desenvolvimento, indústrias ou todos os setores. Em média, mais de 20 trabalhadores trocam de postos de trabalho para que ocorra a criação de uma nova vaga. Este aspecto é bem problemático, uma vez que gera custos e esforços na economia que não são canalizados na efetiva geração de novos empregos. Se pensarmos em termos de “sunk costs”

---

<sup>11</sup> GOMEZ-SALVADOR e MESSINA (2003) também avançam na categorização dos principais fatos desta literatura: 1) um grande número de postos de trabalho são criados e destruídos em todos os países e em todos os setores, independentemente da fase do ciclo econômico; 2) as taxas de criação e destruição de empregos são negativamente correlacionadas, mas não de forma perfeita; 3) a criação de empregos é pro-cíclica e a destruição é contra-cíclica; 4) a volatilidade das duas taxas podem diferir entre os diversos países; 5) a taxa de realocação é inversamente relacionada com a intensidade de capital das empresas, de forma que mais empregos são criados e destruídos no setor de serviços do que na indústria; 6) a intensidade da realocação depende de várias características das firmas como idade e tamanho, que são inversamente relacionadas com a taxa de criação de empregos; e por fim 7) a taxa de realocação é um fenômeno persistente, o que faz com que políticas temporárias de emprego surtam pouco efeito, uma vez que existe uma característica estrutural nos fluxos de trabalho.

(treinamento) existe uma perda econômica considerável derivada desta elevada proporção entre realocação e criação de novas vagas.

O que a experiência internacional sobre os fluxos de trabalho aponta é que o processo de mudança líquida no mercado de trabalho traz consigo muita movimentação no mercado de trabalho, realocando o emprego entre empresas. Há também destaque para o nascimento e morte de empresas sobre a dinâmica do emprego, uma vez que a análise apenas das empresas que permanecem ao longo dos anos demonstra resultados distintos dos encontrados quando se considera o nascimento e morte das empresas.

Por fim, os países em desenvolvimento apresentam taxas de realocação maiores que os países desenvolvidos, sendo este resultado prejudicial aos países em desenvolvimento, uma vez que uma mobilidade muito exacerbada dificulta a criação de vínculos mais longos, o investimento em capital humano e consequentemente a produtividade dos trabalhadores, contudo, a criação líquida de postos é superior nestes países do que nos desenvolvidos.

Uma preocupação pulsante na quase totalidade dos trabalhos é a verificação de qual o conjunto de empresas que gera maior número de empregos. O caso das pequenas e médias empresas na Itália como grandes geradoras de emprego e renda, bem como resultados empíricos para a economia dos EUA e Canadá indicando que as pequenas eram as grandes geradoras de postos de trabalho. Este fato levou à busca de trabalhos que viessem esclarecer o fato e verificar o real impacto das pequenas empresas na criação de empregos, uma vez que, as políticas públicas, pautadas nos resultados que afirmavam ser as pequenas as grandes geradoras de emprego passaram a incentivar as mesmas.

A partir dos anos 1990 a compreensão deste fenômeno passou a indicar certos problemas na focalização de incentivos para criação de empregos nas pequenas empresas. Os principais aspectos levantados na literatura internacional são: 1) as pequenas empresas pagam menos do que a média, 2) têm vida curta e 3) contribuem para o aumento da desigualdade salarial.

Há ainda os trabalhos que argumentam que o papel exacerbado atribuído à criação de postos de trabalho nas pequenas empresas se devem a erros metodológicos: 1) utilização de dados em *cross-section*, 2) erros de mensuração; 3) baixa qualidade dos dados (PICOT e DUPUY (1996) e DAVIS, HALTIWANGER e SCHUH (1996)).

CONTINI e REVELLI (1997) tem uma preocupação em avaliar a questão da proporção entre empregos nas pequenas e médias empresas (com menos de 100 empregados), uma vez que este aumentou de forma significativa entre meados dos anos 1970 e dos 1990. No Reino Unido, por exemplo, saiu de 15,5% para 33% do emprego.

Desta forma toda uma série de trabalhos lançados entre os anos 1980 e 1990 tem a preocupação de avaliar qual o papel desempenhado pelas pequenas empresas na criação e destruição de empregos nos países.

Sobre a realocação de empregos temos alguns resultados interessantes nos trabalhos analisados: 1) A rotatividade é inversamente proporcional à intensidade de capital; 2) é maior no setor serviços que na indústria; 3) se reduz com o tamanho da firma; 4) é maior em estabelecimentos mais novos; 5) frequentemente é maior em setores de alta tecnologia e inovativos.

Adicionalmente existem estudos que também buscam mensurar a persistência das novas vagas criadas. DAVIS, HALTIWANGER e SCHUH (1996) apontam que 7 em cada 10 vagas novas criadas não sobrevivem por mais de um ano. Também destacam que 8 em 10 das vagas destruídas são reabertas em um ano.

Outro aspecto que ganha relevância na literatura é o de que os movimentos de criação e destruição de postos de trabalho ocorrem de forma concentrada o que, sob um corte regional, é ruim.

No que se refere à abertura econômica e sua relação com os fluxos de trabalho busca-se verificar se a afirmação encontrada em MENEZES-FILHO *ET AL* (2002) de que quanto maior o grau de abertura da economia menor o crescimento líquido do emprego, dado que a destruição de postos de trabalho aumenta se verifica para o conjunto de trabalhos analisados.

A seguir partimos para a análise da metodologia e a análise e discussão dos resultados.

## 2. METODOLOGIA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Foram analisados 62 trabalhos que buscaram calcular as taxas de criação, destruição e realocação de trabalho. Tendo em vista que muitos dos trabalhos apresentam mais de uma estimativa, ou seja, apresentam estimativas para vários países, ou para vários anos, ou se valem de várias bases de dados para um mesmo país. Assim sendo foram captadas e analisadas 328 taxas de criação, destruição, realocação, variação líquida e excesso de rotatividade de postos de trabalho.

Os resultados (apresentados na tabela 1) foram separados da seguinte forma: resultados que apenas analisam a indústria (151 observações) e resultados que avaliam todos os setores (177 observações), resultados por décadas, 1970 (25 observações), 1980(105 observações), 1990 (135 observações), 2000 (42 observações), por grupos de países separados em Emergentes (80 observações), OCDE (212 observações) e Economias em Transição (36 observações), e por fim, por origem da legislação trabalhista<sup>12</sup>, Common Law (119 observações), Civil Law (209 observações), Escandinava (28 observações), Socialista (39 observações), Germânica (11 observações) e Francesa (131 observações).

### 2.1. Análise Descritiva

A análise dos resultados indica padrões interessantes, no que tange ao grau de desenvolvimento, pois os países em desenvolvimento apresentaram maiores taxas que os desenvolvidos, o que indica que seus mercados são mais agitados que os dos países desenvolvidos. Apesar disso, um dado importante se refere à variação líquida de empregos nos países em desenvolvimento, que é quase 7 vezes maior que a apresentada pelos países desenvolvidos.

No que se refere à distinção entre indústria e todos os setores emergem informações interessantes. A taxa de criação para todos os setores é 16,8% maior que para a indústria, já a taxa de destruição é 2,6% menor, ou seja, a indústria cria menos e destrói mais postos de trabalho que a análise por todos os setores. Outro dado que merece destaque refere-se à taxa de variação de postos de trabalho negativa apresentada pela indústria (-0,60%) enquanto todos os setores apresentaram uma taxa positiva de (1,32%), desta forma, temos que o setor industrial foi um destruidor líquido de empregos durante o período de análise.

Quando partimos para a análise por décadas, percebe-se que todas as taxas (exceto a variação líquida) apresentam-se de forma crescente com o passar das décadas. Ou seja, o mercado de trabalho está se alterando gradualmente, década a década, e se tornando mais flexível. No que se refere à taxa de variação líquida, temos que a década de 2000 é a que apresenta a maior criação (1,04%), a década de 1970 apresentou a segunda maior taxa (0,91%), já a década de 1980 (0,23%) foi a que apresentou a menor taxa. Cabe destacar que todas as décadas apresentaram taxas positivas.

Quando se verificam as taxas por grupos de países (Emergentes, OCDE e Transição) percebe-se uma nítida diferença entre os três. Os emergentes são os que apresentaram maior alteração, com uma taxa média de excesso de rotatividade de 30,76%, bem como uma elevada taxa de variação líquida (2,70%). O grupo da OCDE apresentou resultados próximos à média. Já o grupo dos países em transição, devido à todas as transformações vividas por estes países, apresentaram uma variação líquida de -2,98%, ou seja, uma grande destruição líquida de postos, apesar de ter apresentado a menor “agitação”, com uma taxa de 15,76%.

Por fim, no que tange à origem legal da legislação dos países temos que os países da *Common Law* apresentaram taxas de criação mais baixas, de destruição maiores, e assim uma variação líquida negativa (-0,59%). Dentro do grupo da *Civil Law* temos uma criação líquida positiva de 1,02%. Dentro deste grupo, ganha destaque a origem Francesa, que apresentou uma variação líquida positiva de 2,42%.

---

12 Para uma melhor compreensão destas divergências ver BOTERO ET AL (2004).

Na análise da diferença de médias, foi realizado um teste t, para se observar a significância estatística das diferenças entre as médias. Os resultados encontram-se nas tabelas 2,3,4,5 e 6. Em cada uma das tabelas busca-se avaliar as diferenças de médias para cada um dos fluxos.

**Tabela 1 – Média e desvio padrão das taxas de criação, destruição e realocação de postos de trabalho**

	JC	JD	GJR	NEG	EXC
Indústria	9,9 (3,85)	10,51 (3,54)	20,41 (6,18)	-0,60 (4,08)	23,43 (7,13)
Todos Setores	11,57 (5,94)	10,24 (4,96)	21,81 (10,34)	1,32 (3,58)	24,67 (11,04)
1970	9,73 (1,97)	8,82 (2,74)	18,56 (2,47)	0,91 (4,08)	21,66 (4,59)
1980	10,25 (4,04)	10,02 (3,38)	20,26 (6,28)	0,23 (4,00)	23,18 (7,29)
1990	10,55 (6,53)	10,16 (5,39)	20,71 (11,19)	0,39 (4,27)	23,92 (11,92)
2000	13,58 (3,54)	12,54 (3,40)	26,12 (6,20)	1,04 (3,11)	28,64 (6,87)
Emergentes	14,93 (4,63)	12,23 (4,07)	27,16 (7,88)	2,70 (3,73)	30,76 (8,91)
OCDE	10,31 (4,08)	10,15 (4,18)	20,46 (7,53)	0,16 (3,41)	23,00 (8,06)
Transição	4,50 (4,17)	7,46 (4,27)	11,96 (7,22)	-2,97 (4,37)	15,76 (9,11)
Common Law	10,48 (4,24)	11,07 (4,10)	21,55 (7,49)	-0,59 (3,67)	24,40 (8,20)
Civil law	10,98 (5,60)	9,96 (4,47)	20,94 (9,32)	1,02 (3,97)	23,93 (10,11)
Escandinava	9,90 (3,00)	9,97 (2,90)	19,87 (5,25)	-0,07 (2,69)	21,84 (5,48)
Socialista	4,94 (4,36)	7,68 (4,45)	12,63 (7,67)	-2,74 (4,34)	16,34 (9,21)
Francesa	13,40 (4,84)	10,98 (4,48)	24,38 (8,69)	2,42 (3,38)	27,51 (9,54)
Total	10,80	10,36	21,16	0,44	24,10

Nota: Entre parênteses o desvio padrão.

Fonte: Elaboração própria.

Na tabela 2 são apresentadas as médias e diferenças entre elas para a taxa de criação de postos de trabalho (JC). Os resultados indicam que para as décadas de 1970 e 1990, as diferenças não são estatisticamente significantes, já para as décadas de 1980 e 2000 o são, indicando que a primeira apresentou uma criação estatisticamente inferior às demais décadas e a segunda uma média superior.

Quando avaliada a questão de setores da economia, percebeu-se que os trabalhos que apenas avaliam a indústria apresentaram uma taxa de criação menor que os trabalhos que se destinaram a todos os setores, o que nos possibilita argumentar que o setor industrial caracterizou-se no período de análise por um menor dinamismo na criação de novos postos de trabalho.

Outra preocupação vigente no trabalho foi a identificação de entre blocos de países. Neste sentido foram elaborados três grupos de países, OCDE, Emergentes e Economias em transição. As diferenças entre médias dos três grupos foram significativas, o que indica que existem comportamentos diferenciados entre os grupos de países, sendo identificado que os países da OCDE e em transição apresentam taxas de criação abaixo da encontrada pelo grupo de controle a esta variável, sendo que os países da OCDE apresentam esta taxa em cerca de -1,3% e os países em transição em -7%. Já os países emergentes apresentaram uma taxa de criação bem superior ao grupo

de controle, o que indica que estas economias apresentam uma dinâmica de criação de empregos bem superior a dos demais países analisados.

Quando se busca a avaliação da diferença por origem legal da legislação trabalhista, verificou-se que, com relação à taxa de criação a diferença de médias entre a civil e a Common Law não foram significativas estatisticamente, apesar do resultado indicar um menor dinamismo criador por parte dos países que seguem a Common Law.

Quando partimos para a análise dos subgrupos componentes da Civil Law a análise nos indica que, com exceção da legislação Escandinava, todas apresentaram médias estatisticamente diferentes, sendo que a legislação Francesa apresentou uma criação bem superior que as demais, enquanto que a Socialista e Germânica apresentaram dinâmicas de criação inferiores.

Quando analisada a diferença da média da economia brasileira frente às demais, percebe-se que o Brasil cria muito mais postos de trabalho que o restante das economias mundiais, em média 4% a mais que as demais economias, o que evidencia um padrão de elevada criação vivido no país.

Na tabela 3 são apresentadas as médias e diferenças entre elas para a taxa de destruição de postos de trabalho (JD). Os resultados indicam que para as décadas de 1980 e 1990 as diferenças não são estatisticamente significantes, já para as décadas de 1970 e 2000 o são, indicando que a primeira apresentou uma destruição estatisticamente inferior às demais décadas e a segunda uma média superior.

Quando avaliada a questão de setores da economia, percebeu-se que os trabalhos que apenas avaliam a indústria apresentaram uma taxa de destruição maior que os trabalhos que se destinaram a todos os setores, contudo a diferença entre as médias não foi significativa.

As diferenças entre médias dos três blocos de países indicam que existem comportamentos diferenciados entre os grupos de países. Sendo que para os países da OCDE e em transição, as taxas de destruição ficaram abaixo da encontrada pelo grupo de controle, contudo apenas os países em transição apresentaram um resultado significativo estatisticamente. Já os países emergentes apresentaram uma taxa de destruição superior ao grupo de controle, o que indica que estas economias apresentam uma dinâmica de destruição de empregos superior à dos demais países analisados.

Quando se busca a avaliação da diferença por origem legal da legislação trabalhista, verificou-se que, com relação à taxa de destruição a diferença de médias entre a Civil e a Common Law foram significativas estatisticamente, e indicam que os países da Common Law destroem mais postos de trabalho que os países da Civil Law.

Quando partimos para a análise dos subgrupos componentes da Civil Law os resultados indicam que, com exceção da legislação Escandinava, todas apresentaram médias estatisticamente diferentes, sendo que a legislação Francesa apresentou uma destruição superior, enquanto que a Socialista e Germânica apresentaram dinâmicas de destruição inferiores.

Quando analisada a diferença da média da economia brasileira frente às demais, percebe-se que o Brasil destrói muito mais postos de trabalho que o restante das economias mundiais, em média 2% a mais que as demais economias.

Na tabela 4 são apresentadas as médias e diferença entre elas para a taxa de realocação de postos de trabalho (GJR). Os resultados indicam que para a década de 1990 a diferença não é estatisticamente significativa, já para as demais décadas o é, indicando que os anos 1970 e 1980 apresentam uma realocação estatisticamente inferior às demais décadas, e os 2000 uma média superior.

**Tabela 2 – Diferenças de médias entre os grupos de controle e a taxa da criação bruta de postos de trabalho (JC)**

Controle	Média do Grupo de Controle	Média das observações fora do grupo de controle	Diferença
1970	9.732 (0.3935192) N=25	10.88809 (0.305400) N=303	-1.156086 (1.07049) t = -1.0800
1980	10.24629 (0.3939509) N=105	11.06067 (0.3737757) N=223	-0.8143869 (0.6082913) t = -1.3388*
1990	10.55037 (0.5620509) N=135	10.97456 (0.281171) N=193	-0.4241892 (0.5777568) t = -0.7342
2000	13.57976 (0.5458388) N=42	10.39175 (0.308813) N=286	3.188014 (0.8331066) t = 3.8267***
Indústria	9.902914 (0.3127217) N=151	11.56525 (0.446778) N=177	-1.66234 (0.5634461) t = -2.9503***
OCDE	10.31193 (0.2802069) N=212	11.6919 (0.6124366) N=116	-1,379963 (0.590258) t = -2.3379***
Emergentes	14.92988 (0.5175959) N=80	9.467742 (0.2902548) N=248	5.462133 (0.5895553) t = 9.2648***
Transição	4.496389 (0.694487) N=36	11.57712 (0.2753839) N=292	-7.080734 (0.8215453) t = -8.6188***
Common Law	10.48252 (0.3884237) N=119	10.98072 (0.3873078) N=209	-0.4981967 (0.5911943) t = -0.8427
Socialista	4.944615 (0.6986246) N=39	11.59014 (0.2776779) N=289	-6.645523 (0.7984071) t = -8.3235***
Germânica	6.277273 (0.6484023) N=11	10.95691 (0.289224) N=317	-4.679636 (1.559211) t = -3.0013***
Escandinava	9.9 (0.5674131) N=28	10.88397 (0.3058388) N=300	-0.9839667 (1.01692) t = -0.9676
Francesa	13.40366 (0.4226478) N=131	9.068579 (0.3273577) N=197	4.335085 (0.5290754) t = 8.1937***
Brasil	14.38405 (0.6006704) N=42	10.27364 (0.3016831) N=286	4.1104411 (0.8206194) t = 5.0089***

Nota: Entre parênteses o erro padrão.

Legenda: p-valor 0.01 (\*\*\*); 0.05 (\*\*); 0.10 (\*)

Quando avaliada a questão de setores da economia, percebeu-se que os trabalhos que apenas avaliam a indústria apresentaram uma taxa de realocação menor que os trabalhos que se destinaram a todos os setores, contudo a diferença entre as médias não foi significativa estatisticamente.

As diferenças entre médias dos três blocos de países foram estatisticamente significativas e indicam que existem comportamentos diferenciados entre os grupos de países, sendo identificado que nos países da OCDE e em transição a taxa de realocação média situa-se abaixo da encontrada pelo grupo de controle. Os países emergentes apresentaram uma taxa de destruição superior ao

grupo de controle, o que indica que estas economias apresentam uma realocação superior à dos demais países analisados.

**Tabela 3 – Diferenças de médias entre os grupos de controle e a taxa de destruição bruta de postos de trabalho (JD)**

Controle	Média do Grupo de Controle	Média das observações fora do grupo de controle	Diferença
1970	8.824 (0.5473354) N=25	10.48971 (0.2557406) N=303	-1.665708 (0.9048718) t = -1.8408**
1980	10.0173 (0.329544) N=105	10.5254 (0.3185724) N=223	-0.508102 (0.5165749) t = -0.9836
1990	10.15948 (0.4642773) N=135	10.50493 (0.2502036) N=193	-0.3454494 (0.4900581) t = -0.7049
2000	12.53571 (0.5239928) N=42	10.04364 (0.2604313) N= 286	2.492072 (0.7089877) t = 3.5150***
Indústria	10.50546 (0.2895399) N=151	10.241 (0.3725671) N=177	0.2644654 (0.4840052) t = 0.5464
OCDE	10.15222 (0.2871161) N=212	10.74751 (0.4341609) N=116	-0.5952974 (0.503731) t = -1.1818
Emergentes	12.22619 (0.4555028) N=80	9.76164 (0.2725384) N=248	2.464548 (0.545194) t = 4.5205***
Transição	7.461574 (0.7124836) N=36	10.72043 (0.2485337) N=292	-3.258854 (0.7507212) t = -4.3410***
Common Law	11.06941 (0.3760703) N=119	9.960391 (0.308950) N=209	1.109021 (0.4981973) t = 2.2261***
Socialista	7.683504 (0.7122359) N=39	10.72431 (0.2489668) N=289	-3.040804 (0.7263952) t = -4.1862***
Germânica	5.873636 (0.5869834) N=11	10.51852 (0.243949) N=317	-4.644886 (1.315681) t = -3.5304***
Escandinava	9.971429 (0.5473567) N=28	10.39927 (0.2585749) N=300	-0.4278436 (0.8634173) t = -0.4955
Francesa	10.97905 (0.391587) N=131	9.952927 (0.3025491) N=197	1.026119 (0.4894942) t = 2.0963**
Brasil	12.07869 (0.5154774) N=42	10.11076 (0.262796) N=286	1.967933 (0.7140268) t = 2.7561***

Nota: Entre parênteses o erro padrão.

Legenda: p-valor 0.01 (\*\*\*); 0.05 (\*\*); 0.10 (\*)

Quando se busca a avaliação da diferença por origem legal da legislação trabalhista, verificou-se que, com relação à taxa de realocação a diferença de médias entre a Civil e a Common Law não foram significativas estatisticamente.

Quando partimos para a análise dos subgrupos componentes da Civil Law os resultados indicam que, com exceção da legislação Escandinava, todas apresentaram médias estatisticamente diferentes, sendo que a legislação Francesa apresentou uma realocação superior, enquanto que a Socialista e Germânica apresentaram dinâmicas de realocação inferiores.

**Tabela 4 – Diferenças de médias entre os grupos de controle e a taxa de realocação bruta de postos de trabalho (GJR)**

Controle	Média do Grupo de Controle	Média das observações fora do grupo de controle	Diferença
1970	18.556 (0.4946069) N=25	21.37779 (0.5161904) N=303	-2.821794 (1.80499) t = -1.5633*
1980	20.26359 (0.6127763) N=105	21.58608 (0.6433018) N=223	-1.322489 (1.027877) t = -1.2866*
1990	20.70985 (0.9632439) N=135	21.47949 (0.461171) N=193	-0.7696386 (0.9759524) t = -0.7886
2000	26.11548 (0.9564965) N=42	20.43539 (0.519001) N= 286	5.680086 (1.403918) t = 4.0459***
Indústria	20.40838 (0.5027312) N=151	21.80625 (0.7774452) N=177	-1.397875 (0.9614115) t = -1.4540
OCDE	20.46415 (0.5168296) N=212	22.43941 (0.9669059) N=116	-1.97526 (0.9995519) t = -1.9761**
Emergentes	27.15606 (0.8814263) N=80	19.22938 (0.5111083) N=248	7.926681 (1.029807) t = 7.6972***
Transição	11.95796 (1.204108) N=36	22.29755 (0.4785518) N=292	-10.33959 (1.427371) t = -7.2438***
Common Law	21.55193 (0.6866426) N=119	20.94111 (0.6446157) N=209	0.6108243 (0.9992926) t = 0.6113
Socialista	12.62812 (1.227714) N=39	22.31445 (0.480977) N=289	-9.686327 (1.385004) t = -6.9937***
Germânica	12.15091 (1.093257) N=11	21.47543 (0.4859655) N=317	-9.324522 (2.619897) t = -3.5591***
Escandinava	19.87143 (0.9923765) N=28	21.28324 (0.5163667) N=300	-1.41181 (1.718697) t = -0.8214
Francesa	24.38271 (0.7595684) N=131	19.02151 (0.5718332) N=197	5.361204 (0.9355766) t = 5.7304***
Brasil	26.46274 (0.9907426) N=42	20.38439 (0.5156057) N=286	6.078344 (1.398793) t = 4.3454***

Nota: Entre parênteses o erro padrão.

Legenda: p-valor 0.01 (\*\*\*); 0.05 (\*\*); 0.10 (\*)

Quando analisada a diferença da média da economia brasileira frente às demais, percebe-se que o Brasil realoca muito mais postos de trabalho que o restante das economias mundiais, em média 6% a mais que as demais economias, fato já esperado, uma vez que tanto a destruição como a criação foram maiores que a média dos demais países.

Na tabela 5 são apresentadas as médias e diferenças entre elas para a taxa de realocação de variação líquida de postos de trabalho (NEG). Os resultados indicam que não há diferença significativa entre as décadas neste quesito.

Quando avaliada a questão de setores da economia, percebeu-se que os trabalhos que apenas avaliam a indústria apresentaram uma taxa de variação líquida bem menor que os trabalhos que se destinaram a todos os setores, cerca de 2% menor, o que é bastante significativo, indicando que o

setor é um destruidor líquido de postos de trabalho, cabendo aos demais setores, em particular o setor serviços uma dinâmica mais positiva na criação líquida de postos de trabalho.

As diferenças entre médias dos três blocos de países foram estatisticamente significativas e indicam que existem comportamentos diferenciados entre os grupos de países, sendo identificado que os países da OCDE e em transição, a taxa de criação líquida foi negativa, ou seja, ocorreu uma destruição líquida nos dois conjuntos de países, com destaque para a magnitude da destruição líquida para os países em transição. Os emergentes, por sua vez, apresentaram uma taxa de criação líquida positiva e bastante expressiva, o que corrobora com a análise de que estes países possuem uma forte dinâmica de criação de postos de trabalho.

Quando se busca a avaliação da diferença por origem legal da legislação trabalhista, verificou-se que, com relação à taxa de criação líquida a diferença de médias entre a Civil e a Common Law foram significativas estatisticamente, indicando que os países da Common Law apresentam uma destruição líquida de postos de trabalho, sendo que os países da Civil Law apresentaram uma taxa de criação líquida positiva.

Quando partimos para a análise dos subgrupos componentes da Civil Law os resultados indicam que as legislações Escandinava e Germânica não são estatisticamente significativas na diferença de médias. A legislação Francesa apresentou uma criação líquida superior, enquanto que a Socialista apresentou uma dinâmica de destruição líquida de postos de trabalho.

Quando analisada a diferença da média da economia brasileira frente às demais, percebe-se que o Brasil cria liquidamente muito mais postos de trabalho que o restante das economias analisadas.

Na tabela 6 são apresentadas as médias e diferença entre elas para a taxa de excesso de realocação de postos de trabalho (EXC). Os resultados indicam que as diferenças para as décadas de 1990 e 1980 não são significativas estatisticamente, já a década de 1970 apresenta um resultado significativo estatisticamente, que indica um mercado de trabalho “mais calmo” nesta década. Para a década de 2000 o resultado indica uma maior agitação, com taxas de excesso de rotatividade superiores as das demais décadas.

Quando avaliada a questão de setores da economia, o resultado foi estatisticamente não significativo, apesar de apontar que o setor industrial apresenta uma agitação inferior a todos os setores.

As diferenças entre médias dos três blocos de países foram estatisticamente significativas e indicam que existem comportamentos diferenciados entre os grupos de países, sendo identificado que os países da OCDE e em transição apresentam mercados de trabalho mais estáveis que os países emergentes, onde a agitação foi superior.

Quando se busca a avaliação da diferença por origem legal da legislação trabalhista, verificou-se que a diferença de médias entre a Civil e a Common Law não foram significativas estatisticamente.

Quando partimos para a análise dos subgrupos componentes da Civil Law os resultados indicam que todas as diferenças entre médias são estatisticamente significativas. A legislação Francesa apresenta uma agitação no mercado de trabalho, com maior movimentação entre os trabalhadores. Já as legislações Socialista, Escandinava e Germânica apresentaram médias inferiores para o excesso de rotatividade de postos de trabalho.

Quando analisada a diferença da média da economia brasileira frente às demais, percebe-se que o Brasil tem um mercado de trabalho bastante agitado, com média bem superior à apresentada pelas outras economias analisadas.

**Tabela 5 – Diferenças de médias entre os grupos de controle e a taxa de variação líquida de postos de trabalho (NEG)**

Controle	Média do Grupo de Controle	Média das observações fora do grupo de controle	Diferença
1970	0.908 (0.8150035) N=25	0.3983773 (0.2255946) N=303	-0.5096227 (0.819447) t = -0.6219
1980	0.2289841 (0.3899978) N=105	0.5352691 (0.261832) N=223	0.3062849 (0.4660527) t = 0.6572
1990	0.3908889 (0.3675193) N=135	0.4696287 (0.2657815) N=193	0.0787398 (0.4420822) t = 0.1781
2000	1.044048 (0.47972) N=42	0.3481061 (0.238784) N= 286	-5.680086 (1.403918) t = -1.0707
Indústria	-0.6025497 (0.3324422) N=151	1.324256 (0.2690959) N=177	-1.926806 (0.4232647) t = -4.5522***
OCDE	0.159717 (0.2340733) N=212	0.9443822 (0.4384536) N=116	-0.7846652 (0.4529844) t = -1.7322**
Emergentes	2.703688 (0.4169702) N=80	-0.2938978 (0.2362591) N=248	2.997585 (0.4786652) t = 6.2624***
Transição	-2.965185 (0.7280213) N=36	.8566952 (0.2149388) N=292	-3.82188 (0.6630607) t = -5.7640***
Common Law	-0.5868908 (0.3363417) N=119	1.020327 (0.2745644) N=209	-1.607218 (0.4436628) t = -3.6226***
Socialista	-2.738889 (0.6952919) N=39	0.8658305 (0.2164256) N=289	-3.604719 (0.6418512) t = -5.6161***
Germânica	0.4036364 (0.5785676) N=11	0.4383859 (0.223966) N=317	-0.0347496 (1.20849) t = -0.0288
Escandinava	-0.0714286 (0.5082353) N=28	0.4846945 (0.2327277) N=300	-0.556123 (0.7780185) t = -0.7148
Francesa	2.424618 (0.2949555) N=131	-0.8843486 (0.265339) N=197	3.308967 (0.4046569) t = 8.1772***
Brasil	2.305357 (0.5210308) N=42	0.1628788 (0.2330229) N=286	2.142478 (0.6402177) t = 3.3465***

Nota: Entre parênteses o erro padrão.

Legenda: p-valor 0.01 (\*\*\*); 0.05 (\*\*); 0.10 (\*)

**Tabela 6 – Diferenças de médias entre os grupos de controle e o excesso de realocação de postos de trabalho (EXC)**

Controle	Média do Grupo de Controle	Média das observações fora do grupo de controle	Diferença
1970	21.656 (0.9188776) N=25	24.30067 (0.5584019) N=303	-2.644671 (1.963949) t = -1.3466*
1980	23.17746 (0.7112783) N=105	24.53305 (0.6896378) N=223	-1.355589 (1.117638) t = -1.2129
1990	23.92074 (1.025934) N=135	24.22385 (0.5234443) N=193	-0.3031107 (1.06176) t = -0.2855
2000	28.64048 (1.0602) N=42	23.43218 (0.5677277) N= 286	5.208297 (1.537101) t = 3.3884***
Indústria	23.43053 (0.5794806) N=151	24.66945 ( 0.830181) N=177	-1.238924 (1.04621) t = -1.1842
OCDE	23.00104 (0.5537844) N=212	26.10589 (1.051871) N=116	-3.104853 (1.079411) t = -2.8764***
Emergentes	30.76213 (0.9959033) N=80	21.94973 (0.5456077) N=248	8.812394 (1.114734) t = 7.9054***
Transição	15.7587 (1.517812) N=36	25.12736 (0.5257252) N=292	-9.368659 (1.589234) t = -5.8951***
Common Law	24.40336 (0.7519132) N=119	23.92585 (0.6990681) N=209	0.4775081 (1.08655) t = 0.4395
Socialista	16.34342 (1.475575) N=39	25.14571 (0.529226) N=289	-8.80229 (1.539162) t = -5.7189***
Germânica	13.47455 (1.063217) N=11	24.46777 (0.5267259) N=317	-10.99323 (2.838111) t = -3.8734***
Escandinava	21.83571 (1.036276) N=28	24.31034 (0.5610171) N=300	-2.47463 (1.865164) t = -1.3268***
Francesa	27.50756 (0.833636) N=131	21.83256 (0.6197805) N=197	5.675002 (1.019638) t = 5.5657***
Brasil	29.69595 (1.069018) N=42	23.27718 (0.5617781) N=286	6.418773 (1.522992) t = 4.2146***

Nota: Entre parênteses o erro padrão.

Legenda: p-valor 0.01 (\*\*\*); 0.05 (\*\*); 0.10 (\*)

## 2.2. Análise Econométrica

No sentido de buscar comprovar as evidências encontradas na análise das estatísticas descritivas foi realizado um exercício econométrico buscando a mensuração das relações existentes e a sua comparação com os resultados dos fatos estilizados e das estatísticas descritivas apresentadas neste trabalho. Além disso, foram inseridas duas variáveis macroeconômicas, a taxa de crescimento do PIB e a taxa de abertura da economia, no intuito de testar a influência de fatores de demanda agregada e de movimento cíclico (PIB), e aspectos atrelados ao setor externo (abertura, aqui definida como o somatório do percentual de exportações e de importações em função do PIB).

O modelo estimado foi o seguinte:

$$\text{Fluxos (JC, JD, GJR, NEG, EXC)} = C + b1 \text{ 1970} + b2 \text{ 1980} + b3 \text{ 1990} + b4 \text{ 2000} + b5 \text{ indústria} + b6 \text{ T.setores} + b7 \text{ OCDE} + b8 \text{ Emergentes} + b9 \text{ transição} + b10 \text{ common Law} + b11 \text{ civil Law} + b12 \text{ txCrescimento} + b13 \text{ abertura} + \varepsilon.$$

Os resultados esperados são os seguintes: (i) **Décadas:** são esperados coeficientes crescentes, ou seja,  $b1 < b2 < b3 < b4$ , uma vez que foi verificado que os fluxos crescem ao longo das décadas; (ii) **Setores:** espera-se resultados de  $b6 > b5$  para todos os fluxos, com exceção do JD; (iii) **Blocos de países:** Resultados esperados  $b8 > b7 > b9$ , ou seja, os emergentes apresentando o mercado de trabalho mais movimentado em todos os fluxos; (iv) **Legislação:** *Common Law* apresentando coeficientes maiores que os apresentados pela *Civil Law* ( $b10 > b11$ ); (v) **Crescimento econômico:** De acordo com a literatura espera-se pouco impacto no JC e impactos maiores na JD e NEG; (vi) **Abertura:** países com maior abertura devem apresentar maior movimentação no mercado de trabalho.

Os resultados encontrados são apresentados na tabela 7. Para maior clareza na exposição vamos analisar os resultados por blocos de variáveis (Décadas, Setores, Blocos de países, Legislação, Crescimento e Abertura).

Na avaliação do comportamento dos Fluxos ao longo das décadas percebe-se que as décadas de 1980 e 1990 não apresentaram significância estatística para nenhum dos fluxos. A única década que apresentou coeficientes significativos para todos os fluxos foi a década de 2000. A década de 1970 apresentou resultados significativos para a JD, GJR e NEG.

Quanto aos valores dos parâmetros ao longo das décadas, os resultados apontaram que ocorre uma tendência crescente para todos os fluxos (exceto a variação líquida), indicando que os mercados se tornaram mais flexíveis com o passar do tempo, ou seja, as economias passaram a criar e destruir mais postos de trabalho, contudo, esta maior “flexibilidade” não conduziu a uma maior criação líquida de postos de trabalho, ou seja, os mercados se tornaram mais “agitados”, a “dança das cadeiras” do emprego sofreu uma mudança estrutural, uma vez que a música ficou mais rápida, mas a quantidade de cadeiras diminuiu, fazendo com que trabalhadores se movimentem mais e cada vez menos cadeiras novas são colocadas.

Quando pensamos em termos do aumento populacional existente ao longo das décadas, estes resultados apontam indícios interessantes para a análise do desemprego, que cada vez mais se torna estrutural. Os indícios aqui apontam para uma triste realidade: cada vez mais as populações aumentam e a criação líquida se torna menor, quando não negativa.

Com relação aos setores temos que os coeficientes de criação e criação líquida para a indústria foram significativos e negativos, indicando uma relação negativa entre a criação bruta ou líquida dos estudos que levaram em consideração a indústria apenas. O coeficiente para a destruição foi positivo e significativo, o que corrobora com a interpretação de que o setor industrial vem destruindo postos e criando cada vez menos postos.

Já para os trabalhos que levam em consideração todos os setores os coeficientes indicam uma dinâmica positiva de criação de trabalho, seja em termos líquido como bruto. O coeficiente para a taxa de destruição não foi significativo. Outro aspecto que vale a pena ser discutido é que os

trabalhos para todos os setores apresentam coeficientes bastante significativos para a realocação e excesso de realocação, indicando uma relação de maior volatilidade nos mercados de trabalho quando se estudam todos os setores, com especial ênfase no setor serviços, o qual apresenta uma dinâmica de contratação e demissão mais volátil que o setor industrial.

**Tabela 7 – Resultados do Exercício Econométrico.**

Variável/Fluxo	JC R2=0.3661 F=17.84*** N=320	JD R2=0.2529 F=10.46*** N=320	GJR R2=0.2912 F=12.70*** N=320	NEG R2=0.4469 F=24.97*** N=320	EXC R2=0.2552 F=10.59*** N=320
1970	-0.0430194 (0.7229833)	-1.880345 (0.664883)***	-2.182914 (1.285298)*	2.096875 (0.52698)***	-1.933348 (1.432145)
1980	-0.1947451 (0.4210263)	-0.1230541 (0.3871922)	-0.5526837 (0.7484881)	0.1631936 (0.3068853)	-0.4077622 (0.8340037)
1990	-0.1509883 (0.4634575)	0.6210487 (0.4262135)	0.2252194 (0.823921)	-0.5271961 (0.3378133)	0.2616356 0.9180549
2000	1.388753 (0.5664043)**	2.382351 (0.520887)***	3.510378 (1.0069)***	-0.7328723 (0.41285)*	3.079475 (1.1219)***
Indústria	-0.6702939 (0.29407)**	0.6024431 (0.27043)**	-0.5749653 (0.5227912)	-0.7656223 (0.2143)***	-0.3787586 (0.5825207)
Todos os Setores	1.670294 (0.29407)***	0.3975569 (0.2704394)	1.574965 (0.5227)***	1.765622 (0.21434)***	1.378759 (0.58252)**
OCDE	0.7032025 (0.4386487)	0.0740565 (0.4033984)	0.4370844 (0.7798166)	0.9693207 (0.31973)***	-0.7275284 (0.8689116)
Emergentes	5.295159 (0.52638)***	1.882214 (0.48408)***	6.853904 (0.9357)***	3.736414 (0.38368)***	7.421229 (1.0427)***
Transição	-4.998362 (0.629536)***	-0.9562705 (0.5789461)*	-6.290988 (1.1191)***	-3.705735 (0.45886)***	-5.693701 (1.2470)***
Common Law	1.146052 (0.3305585)***	1.434929 (0.3039)***	2.083109 (0.5876)***	0.208994 (0.2409435)	2.414323 (0.65479)***
Civil Law	-0.1460516 (0.3305585)	-0.4349294 (0.3039945)	-1.083109 (0.587657)*	0.791006 (0.24094)***	-1.414323 (0.65479)***
Taxa de Crescimento do PIB	0.1075227 (0.0812331)	-0.357511 (0.07470)***	-0.2500794 (0.144413)*	0.4651249 (0.05921)***	-0.3296006 (0.160913)**
Abertura	0.000799 (0.0081843)	-0.0280763 (0.007526)***	-0.027006 (0.01454)*	0.0286039 (0.0059)***	-0.0218906 (0.0162122)

Nota: Entre parênteses o erro padrão.

Legenda: p-valor 0.01 (\*\*\*); 0.05 (\*\*); 0.10 (\*)

Quando partimos para a análise por blocos de países temos que os países da OCDE apenas apresentam coeficiente significativo para a criação líquida. O coeficiente encontrado é positivo e em valor intermediário entre o encontrado para os emergentes (mais alto de todos) e dos países em transição (menor e negativo). Desta análise podemos concluir que os emergentes são os que apresentam a maior dinâmica de criação líquida. Este fato é considerado quando se observa o elevado coeficiente para a criação bruta apresentado por este conjunto de países. Os emergentes também apresentam o maior coeficiente para a destruição bruta de postos de trabalho, contudo, em valor bem inferior ao apresentado pela criação bruta o que faz com que estes países apresentem a já citada elevada criação líquida.

Os países emergentes também são os que apresentam as maiores taxas de realocação e excesso de realocação, fato este derivado das substantivas taxas de criação e destruição de postos de trabalho. O que podemos concluir é que estas economias são as mais dinâmicas na criação, mas para isso efetuam uma elevada rotatividade entre os trabalhadores.

Já os países em transição apresentam uma dinâmica marcada pelo momento de profundas mudanças econômicas, que são refletidas nos negativos coeficientes de criação bruta e líquida.

Quando analisamos a questão da legislação os resultados indicam que, apesar dos coeficientes para criação e destruição não serem significativos para a *Civil Law* (valores negativos), a *Common Law* apresentou coeficientes positivos para as duas, o que vai de encontro com a hipótese de que a legislação pautada na *Common Law* estimula a criação e a destruição de postos de trabalho. No que tange à criação líquida, o coeficiente para a *Common Law* não foi significativo, mas o da *Civil Law* o foi, indicando um aumento da criação líquida para países com legislação pautada na *Civil Law*. No que tange à realocação e ao excesso de realocação, os coeficientes para as duas origens de legislação foram significativos, e os resultados indicam que os países da *Common Law* apresentam um ganho tanto na realocação como no excesso, caracterizando assim mercados de trabalho mais flexíveis.

No que tange à variável de crescimento os resultados indicaram que, conforme os fatos estilizados, a taxa de destruição é mais sensível que a taxa de criação (que não foi significativa). Os sinais dos coeficientes indicam que o crescimento tem uma relação negativa com a destruição de postos de trabalho, bem como com a taxa de realocação e com o excesso de rotatividade. Com relação à taxa de criação líquida temos que existe uma relação direta. Desta forma, quanto maior a taxa de crescimento menor a destruição de postos de trabalho, menor a realocação e o excesso de rotatividade, e maior a criação líquida. Desta forma, a melhor dinâmica de criação líquida de postos de trabalho apresentada pelos países emergentes tem uma relação forte com o maior crescimento econômico apresentado por estas economias.

Para se ter uma idéia mais precisa dos impactos do crescimento econômico sobre os fluxos, foram calculadas as elasticidades. Os resultados encontrados foram os seguintes: JC (0,024), JD (-0,085), GJR (-0,029), NEG (2,611) e EXC (-0,033). Estes apontam para uma forte realidade, 1% a mais de crescimento conduz a uma criação líquida 2,6% maior, ou seja, existe uma forte relação entre a variação líquida e taxa de crescimento da economia.

Por fim, a relação existente entre a abertura da economia e os fluxos, onde destacamos a relação negativa existente entre a abertura e a destruição de postos de trabalho, bem como a relação positiva existente em relação à variação líquida e a abertura da economia.

A análise das elasticidades aponta para os seguintes resultados: JC (0,0036), JD (-0,15), GJR (-0,071), NEG (3,54) e EXC (-0,048). Conforme destacado por MENEZES ET AL (2002) a elasticidade da criação líquida de empregos é elevada, o que mostra que quanto mais abertas as economias mais empregos são gerados.

### 3. Conclusões

Este artigo realizou uma meta análise sobre os fluxos de empregos no intuito de testar as evidências para os fatos estilizados desta literatura e também verificar outros fatos e relações existentes na literatura sobre os fluxos de trabalho.

Os principais resultados encontrados apontam em direção da confirmação de alguns fatos estilizados, como o de que o setor industrial destrói mais empregos e cria menos empregos do que a economia como um todo, o que reforça a idéia de desindustrialização (ROWTHORN e RAMASWAMY (1999)), ou seja, que cada vez mais o emprego vem se deslocando do setor industrial para o setor de serviços. Nosso trabalho soma à literatura internacional ao promover uma sistematização e comparação deste fato para uma gama ampla de países, o que possibilita contemplar vários níveis de desenvolvimento. As evidências reforçaram o fato estilizado que nos países desenvolvidos a mudança estrutural rumo a uma maior participação do setor serviços antecede a que ocorre nos países em desenvolvimento, uma vez que, estes países, por apresentarem uma renda per capita menor, não estariam substituindo a indústria por um setor de serviços mais avançado, sendo prejudicial esta tendência.

A partir da verificação da distinta dinâmica de fluxos de trabalho entre a indústria e a economia como um todo, observou-se a ocorrência de uma mudança no perfil de composição do PIB nos países em estudo. A composição média foi de 5,15% para a agricultura, 32,28% para a indústria e 62,59% para os Serviços.

Quando se parte para análise da evolução da composição por década, percebe-se que ocorre um aumento da participação dos serviços, de 59,84% em 1970 para 68,20% em 2000, e uma redução na participação da indústria de 34,64% para 28,56%. Assim, percebemos uma tendência de que a composição setorial do PIB tem influência nos fluxos de emprego uma vez que o padrão dos fluxos (crescente) encontrado para décadas indica um aumento dos mesmos.

O aumento dos fluxos ao longo das décadas nos leva a induzir que os mercados se tornaram mais flexíveis com o passar destas décadas, o que pode estar associado à maior abertura econômica que as economias se expuseram a partir da década de 1980 e 1990, com o advento das políticas neoliberais e da globalização. Além disso, o próprio Consenso de Washington traz consigo uma série de recomendações associadas à maior flexibilidade no mercado de trabalho, recomendações estas seguidas por diversas economias, inclusive pela Brasileira.

Um fato que merece ser destacado é o de que as décadas de 1980 e 1990 apresentam as menores taxas de variação líquida. Este fato pode estar associado ao ajuste que muitas economias passaram ao longo destas décadas, como o fenômeno de histerese do desemprego na Europa na década de 1980, hiperinflação e descontrole macroeconômico nas economias latino-americanas e transição econômica no Leste Europeu.

As menores taxas apresentadas pela década de 1970 podem estar associadas aos choques do Petróleo, que provocaram um ajustamento produtivo às economias por todo o mundo, fazendo com que o ritmo de crescimento da economia mundial sofresse uma desaceleração.

Outro grupo de controle realizado no trabalho foi por origem legal da legislação trabalhista dos países, a discussão mais detalhada pode ser encontrada em BOTERO *ET AL* (2004). A análise de diferenças entre as legislações foi realizada em dois estágios. No primeiro consideramos a origem dos dois grandes grupos de legislações trabalhistas, a *Civil Law* e a *Common Law*. BOTERO *ET AL* (2004) argumentam que países ricos regulam menos os seus mercados de trabalho do que os países mais pobres. Argumentam também que países da *Civil Law* possuem níveis mais altos de legislação trabalhista e que estes níveis mais elevados estão associados a uma maior eclosão de economia informal, menor participação da força de trabalho, e desemprego mais elevado (especialmente entre os jovens).

Os resultados indicaram que os países da *Civil Law* têm taxas de criação e de variação líquida superiores, ou seja, nestes países temos uma criação de trabalho maior, o que vai de encontro com esta origem legal, que é mais restritiva a movimentação dos trabalhadores.

Já os países da *Common Law* apresentaram uma taxa de destruição superior às dos países da *Civil Law*, o que fez com que estes países apresentassem uma taxa de destruição líquida de postos de trabalho. Além disso, os países da *Common Law* apresentaram uma realocação e um excesso de rotatividade superiores aos da *Civil Law*, se bem que as margens foram pequenas.

Uma outra análise possível pauta-se no detalhamento das diferentes formas da *Civil Law*, a saber: Escandinava, Socialista, Germânica e Francesa. Merece destaque a Legislação Francesa, por apresentar as maiores taxas de criação bruta e líquida de postos de trabalho, bem como uma maior realocação e excesso de rotatividade. Esta origem legal, de acordo com BOTERO *ET AL* (2004), é uma das que mais regulam o mercado de trabalho. Desta forma, a análise por origem legal da legislação trabalhista nos indica que os países que mais regulam, e logo, deveriam apresentar uma menor movimentação no mercado de trabalho, são os que mais criam empregos de forma líquida e bruta, e também os que apresentam mercados de trabalho mais agitados. Somando este fato à verificação de que a composição média do setor de serviços nos países emergentes é inferior ao dos países da OCDE, e que é neste setor que se tem maior movimentação no mercado de trabalho, e que pelo fato de se ter uma maior ocupação neste setor, a tendência é que estes países em desenvolvimento continuem a apresentar taxas mais elevadas de criação, mesmo com a legislação trabalhista menos propícia para tal.

Para a melhor compreensão de como os fluxos se comportam entre os diferentes países foram realizados dois controles por blocos de países. No primeiro foi analisada a questão por blocos econômicos, assim distribuídos: Emergentes, Transição e OCDE. Os resultados encontrados são interessantes uma vez que os países emergentes apresentaram taxas superiores em todos os fluxos. Merece especial atenção as taxas de criação e variação líquida que são substancialmente maiores que a dos países da OCDE e dos países em transição. Isso indica que estas economias estão criando mais vagas e mais oportunidades de emprego que os países da OCDE e países em transição, embora apresentem uma legislação trabalhista mais rígida.

Vale destacar que os resultados encontrados para os países em transição são bem ruins, o que reflete o momento econômico-histórico turbulento que estes países passavam, sendo as taxas calculadas aqui pautadas em estudos deste momento, logo, enviesadas para ele.

Quanto ao grau de desenvolvimento das economias analisamos por dois grupos: desenvolvidos e em desenvolvimento. Os resultados indicam que os países em desenvolvimento apresentam uma criação de empregos maior que os desenvolvidos, além de apresentarem uma criação líquida cerca de 7 vezes maior, o que indica mercados de trabalho mais agitados e com maiores possibilidades de contratação, apesar de serem os países mais pobres os que apresentam, de forma contraditória, uma legislação mais rígida.

No que se refere à análise por crescimento econômico e por grau de abertura as relações encontradas são bem diretas: quanto maior o crescimento e quanto maior a abertura da economia, maior será a criação líquida de empregos, uma vez que a destruição se torna menor.

Por fim, os dados revelam que o Brasil apresenta uma dinâmica bem diferenciada no que tange aos fluxos de emprego, possuindo uma criação, destruição e realocação bem acima da média mundial, o que demonstra que apesar da forte regulação trabalhista existente em nossa economia, a dinâmica de criação é robusta.

#### 4. Referências

- BOTERO, J; DJANKOV, S; LA PORTA, R; LOPEZ-DE-SILANES, F; SHLEIFER, A. The regulation of labor, *Quarterly Journal of Economics*, November, 2004.
- CONTINI, B.; REVELLI, R. Gross flow vs. net flows in the labor market: what is there to be learned? *Labour Economics*, n. 4, p. 245-263, 1997.
- CORSEUIL, C. H.; SERVO, L. *Criação, destruição, realocação de empregos no Brasil*. Brasília: Ipea, 2006.
- DAVIS, S. J.; HALTIWANGER, J.. Gross job creation, gross job destruction and employment reallocation. *Quarterly Journal of Economics*, n. 106, p. 819-63, 1992.
- \_\_\_\_\_. Gross job flows. In: ASHENFELTER, O.; CARD, D. (Eds.). *Handbook of Labor Economics*, Amsterdam: Elsevier, 3B, 1999.
- DAVIS, S. J.; HALTIWANGER, J.; SCHUH, S. *Job Creation and Job Destruction* Cambridge, MA: MIT Press, 1996.
- GÓMEZ-SALVADOR, R.; MESSINA, J. Gross Job Flows and Institutions in European Countries, IZA Working Paper, 2003.
- MADUREIRA, H. Criação e Destruição de Postos de Trabalho no Setor Formal Brasileiro: Uma Abordagem por Gênero. Dissertação de Mestrado – UFMG. Belo Horizonte, 2004.
- PICOT, G.; DUPUY, G. *Job creation by company size class: concentration and persistence of job gains and losses in Canadian Companies*. Business and Labour Market Analysis Division. Canada, 1996 (Research Paper, n. 93).
- ROWTHORN. R.; RAMASWAMY, R., (1999). Growth, Trade, and Deindustrialization. *International Monetary Fund (IMF) Staff Papers*, vol. 46.

# ANEXOS

**QUADRO A – TRABALHOS ANALISADOS, ORIGEM DOS DADOS.**

<b>PAÍS</b>	<b>AUTORES</b>	<b>PERÍODO DE ANÁLISE</b>	<b>PAÍS</b>	<b>AUTORES</b>	<b>PERÍODO DE ANÁLISE</b>
ALEMANHA	BAUER E BENDER (2004)	1995-1996	ALEMANHA	CONTINI E REVELLI (1997)	1977-1990
ALEMANHA	BOERI E CRAMER (1992)	1977-1989	ALEMANHA	FAGGIO E KONINGS (2001)	1988-1995
ALEMANHA	GOMEZ-SALVADOR E MESSINA (2003)	1994-2000	ALEMANHA	GREY (1995)	1983-1990
ARGENTINA	HALTIWANGER ET AL(2004)	1991-2001	AUSTRÁLIA	MUMFORD E SMITH (1999)	1988-1989
AÚSTRIA	GOMEZ-SALVADOR E MESSINA (2003)	1995-2000	AÚSTRIA	STIGLBAURER ET AL (2002)	1978-1998
BÉLGICA	GOOS (2000)	1986-1995	BÉLGICA	FAGGIO E KONINGS (2001)	1989-1995
BÉLGICA	GOMEZ-SALVADOR E MESSINA (2003)	1992-2000	BRASIL	HOMSY E COSTA(2006)	1997-2002
BRASIL	CORSEUIL ET AL (2006)	1992-2000	BRASIL	CORSEUIL ET AL (2002)	1997-1998
BRASIL	MADUREIRA (2004)	1985-2001	BRASIL	RIBEIRO(2007)	1996-2001
BRASIL	HALTIWANGER ET AL(2004)	1992-2000	BRASIL	PAZELLO ET AL(2000)	1986-1995
BULGÁRIA	FAGGIO E KONINGS (2001)	1994-1997	CANADÁ	BALDWIN ET AL(1998)	1974-1992
CANADÁ	BALDWIN E GORECKI (1998)	1970-1981	CANADÁ	OCDE (1987)	1979-1984
CANADÁ	OCDE (1994)	1983-1991	CANADÁ	HAMDANI(1998)	1984-1994
CANADÁ	PICOT ET AL(1994)	1978-1992	CHILE	REINECKE E FERRADA (2005)	1997-2003
CHILE	CAMHI, ENGLE E MICCO (1997)	1981-1992	CHILE	HALTIWANGER ET AL(2004)	1980-1999
CHILE	ROBERTS (1996)	1979-1986	COLÔMBIA	HALTIWANGER ET AL(2004)	1978-1999
COLÔMBIA	ROBERTS(1996)	1977-1991	DINAMARCA	ALBAEK E SORENSEN (1998)	1980-1990
DINAMARCA	GOMEZ-SALVADOR E MESSINA (2003)	1996-2001	DINAMARCA	GREY (1995)	1980-1988
ESLOVÊNIA	FAGGIO E KONINGS (2001)	1994-1997	ESLOVÊNIA	BOJNEC E HONINGS (1998)	1991-1996

ESPAÑA	GOMEZ-SALVADOR E MESSINA (2003)	1994-2000	ESTÔNIA	FAGGIO E KONIGS (2001)	1994-1997
ESTÔNIA	HALTIWANGER E VODOPIVEC (2001)	1989-1994	ESTADOS UNIDOS	BALDWIN ET AL (1998)	1973-1993
ESTADOS UNIDOS	DAVIS E HALTIWANGER (1992)	1973-1986	ESTADOS UNIDOS	ACS, ARMINGTON E ROBB (1999)	1990-1995
ESTADOS UNIDOS	ANDERSON E MEYER (1994)	1979-1984	ESTADOS UNIDOS	ANDERSON E MEYER (1994)	1979-1984
ESTADOS UNIDOS	DAVIS E HALTIWANGER (1991)	1972-1986	ESTADOS UNIDOS	DAVIS ET AL (2006)	1998-2002
ESTADOS UNIDOS	DAVIS, HALTIWANGER E SCHUH(1996)	1973-1988	ESTADOS UNIDOS	DUNNE ET AL (1989)	1963-1982
ESTADOS UNIDOS	GREY (1995)	1976-1990	ESTADOS UNIDOS	HALTIWANGER E SCHUH (1999)	1972-1993
ESTADOS UNIDOS	LEONARD (1987)	1978-1982	ESTADOS UNIDOS	HALTIWANGER E SCHUH (1999)	1972-1993
FINLÂNDIA	BOCKERMAN E MALIRANTA (2001)	1990-1997	FINLÂNDIA	GOMEZ-SALVADOR E MESSINA (2003)	1997-2000
FINLÂNDIA	GREY (1995)	1986-1991	FRANÇA	ABOWD ET AL (1999)	1987-1990
FRANÇA	GOMEZ-SALVADOR E MESSINA (2003)	1993-2000	FRANÇA	GOURINCHAS (1999)	1984-1992
FRANÇA	GREY (1995)	1978-1992	GRÉCIA	VOULGARIS ET AL (2005)	1995-1999
HOLANDA	ALLAART ET AL (2000)	1997	HOLANDA	BROERSMA E GAUTIER (1997)	1978-1993
HOLANDA	FAGGIO E KONIGS (2001)	1988-1995	HOLANDA	GOMEZ-SALVADOR E MESSINA (2003)	1994-2000
IRLANDA	LAWLESS E MURPHY (2008)	1972-2007	IRLANDA	GOMEZ-SALVADOR E MESSINA (2003)	1994-2000
ISRAEL	REGEV (1990)	1987-1989	ITÁLIA	CONTINI E REVELI (1997)	1984-1993
ITÁLIA	CONTINI E REVELI (1997)	1984-1994	ITÁLIA	CONTINI E REVELI (1997)	1984-1989
ITÁLIA	GREY (1995)	1985-1991	JAPÃO	GENDA(1998)	1991-1995
MARROCOS	ROBERTS(1996)	1984-1989	MÉXICO	KAPLAN ET AL (2005)	1986-2001

MÉXICO	GARIBALDI (2000)	1985-1990	MÉXICO	HALTIWANGER ET AL(2004)	1994-2000
NORUEGA	KLETTE E MATHIASSEN (1996)	1977-1986	NORUEGA	SALVANES 91997)	1977-1992
NOVA ZELÂNDIA	GREY (1995)	1987-1992	POLÔNIA	FAGGIO E KONIGS (2001)	1994-1997
POLÔNIA	KONINGS, LEHMANN E SCHAFFER (1996)	1988-1991	PORTUGAL	CENTENO, MACHADO E NOVO (QP) (2007)	1996-2005
PORTUGAL	CENTENO, MACHADO E NOVO (BDRSS) (2007)	2001-2006	PORTUGAL	BLANCHARD E PORTUGAL (2001)	1983-1995
PORTUGAL	GOMEZ-SALVADOR E MESSINA (2003)	1995-2000	REINO UNIDO	BLANCHFLOWER E BURGESS (1996)	1980, 1984,1990
REINO UNIDO	HIJZEN, UPWARD E WRIGHT (2007)	1998-2005	REINO UNIDO	BARNES E HASKEL (2002)	1981-1991
REINO UNIDO	HIJZEN, UPWARD E WRIGHT (2007)	1998-2005	REINO UNIDO	FAGGIO E KONIGS (2001)	1987-1995
REINO UNIDO	GALLAGHER ET AL (1990)	1985-1987	REINO UNIDO	GOMEZ-SALVADOR E MESSINA (2003)	1992-2000
REINO UNIDO	GREY (1995)	1982-1991	ROMÊNIA	FAGGIO E KONIGS (2001)	1995-1997
RÚSSIA	ACQUISTI E LEHMAN(2000)	1997	SUÉCIA	GOMEZ-SALVADOR E MESSINA (2003)	1998-2001
SUÉCIA	GREY (1995)	1985-1991	SUÉCIA	OCDE (1987)	1982-1984
SUÉCIA	STIGLBAURER ET AL (2002)	1987-1992	TAIWAN	TSOU ET AL (2002)	1981-1994
TAIWAN	TSOU, LIU E HAMMIT(2001)	1987-1997	URUGUAI	HALTIWANGER ET AL (2004)	1989-1995

Fonte: Elaboração Própria.

## Referências Auxiliares (Origem dos Dados)

- ABOWD, J.; CORBEL, P.; KRAMARZ, F. The entry and exit of workers and the growth of employment: an analysis of French establishments. *Review of Economic and Statistics*, v. 81, n. 2, p. 170-187, 1999.
- ACQUISTI, A.; LEHMANN, H. Job Creation and Job Destruction in the Russian Federation. Trinity Economic Paper Series Paper No. 2000/1, 2000.
- ACS, Z.; ARMINGTON, C.; ROBB, A. Measures of Job Flow Dynamics in the U.S. Economy, CRIEFF Discussion Papers 9907, Centre for Research into Industry, Enterprise, Finance and the Firm, 1999.
- ALLAART, P.; KERKHOFS, M.; VOOGD-HAMELINK, M. Simultaneous Job Creation and Job Destruction on Establishment Level. OSA WP2000-7, 2000.
- ALBAEK, K.; SØRENSEN, B. Worker flows and job flows in Danish manufacturing, 1980-1991. *Economic Journal*, 108, p. 1.750-1.771, 1998.
- ANDERSON, P.; MEYER, B. The extent and consequences of job turnover. *Brookings Papers: Microeconomics*, n. 6, p. 177-248, 1994.
- BALDWIN, J. R.; GORECKI, P. K. Firm entry and exit in the Canadian manufacturing sector, 1970-1982. *Canadian Journal of Economics*, May 1991, p. 300-323.
- BALDWIN, J.; DUNNE, T.; HALTIWANGER, J. A comparison of job creation and job destruction in Canada and the United States. *The Review of Economics and Statistics*, v. 80, n. 3. p. 347-356, 1998.
- BARNES, M.; HASKEL, J. *Job creation, job destruction and small firms: evidence for the UK*. Queen Mary, University of London, 2001.
- BAUER, T.; BENDER, S. Technological Change, Organizational Change, and Job Turnover. IZA Discussion Paper No. 570, 2002.
- BLANCHARD, O.; PORTUGAL, P. What hides behind an unemployment rate: comparing Portuguese and US labor markets. *American Economic Review*, n. 91, p. 187-207, 2001.
- BLANCHFLOWER, D.; BURGESS, S. Job creation and job destruction in Great Britain in the 1980s. *Industrial and Labor Relations Review*, n. 50, p. 17-38, 1996.
- BÖCKERMAN, P.; MALIRANTA, M. REGIONAL DISPARITIES IN GROSS JOB AND WORKER FLOWS IN FINLAND. Finnish Economic Papers – Volume 14 – Number 2, 2001
- BOERI, T.; CRAMER, U. Employment growth, incumbents and entrants: evidence from Germany. *International Journal of Industrial Organization*, n. 10, p. 545-565, 1992.
- BOJNEC, S.; JOZEF, KONINGS. Job Creation, Job Destruction and Labour Demand in Slovenia. LICOS Discussion Papers 7498, LICOS - Centre for Institutions and Economic Performance, 1998.
- BROERSMA L.; GAUTIER P.A. Job Flows in Dutch Manufacturing, 1979–1993 Empirical Evidence and Theoretical Implications. *De Economist*, Volume 145, Number 1, 1997.
- CAMHI, A.; ENGLE, E.; MICCO, A. Dinâmica de emprego y productividad em manufacturas: evidencia micro e consecuencias macro. In: MORNDE, F.; VERGARA, R. (Eds.). *Análisis empírica del crecimiento en Chile*. Santiago: Centro de Estudios Públicos, jun. 1997.
- CENTENO, M.; MACHADO, C.; NOVO, A. A CRIAÇÃO E DESTRUIÇÃO DE EMPREGO EM PORTUGAL. Boletim Económico, Banco de Portugal, 2007.
- CONTINI, B.; REVELLI, R. Gross flow vs. net flows in the labor market: what is there to be learned? *Labour Economics*, n. 4, p. 245-263, 1997.
- CORSEUIL, C. H.; SERVO, L.. *Criação, destruição, realocação de empregos no Brasil*. Brasília: Ipea, 2006.
- CORSEUIL, C. H. *et al. Criação, destruição, realocação de emprego no Brasil*. Rio de Janeiro: Ipea, 2002 (Texto para Discussão, n. 855).
- DAVIS, S. J.; HALTIWANGER, J. Gross job creation and destruction: microeconomic evidence and macroeconomic implications. In: BLANCHARD, O.; FISCHER, S. (Eds.). *NBER Macroeconomics Annual 1990*. Cambridge: University Press, 1991.

- \_\_\_\_\_. Gross job creation, gross job destruction and employment reallocation. *Quarterly Journal of Economics*, n. 106, p. 819-63, 1992.
- \_\_\_\_\_. Gross job flows. In: ASHENFELTER, O.; CARD, D. (Eds.). *Handbook of Labor Economics*, Amsterdam: Elsevier, 3B, 1999.
- DAVIS, S. J.; HALTIWANGER, J.; SCHUH, S. *Job Creation and Job Destruction* Cambridge, MA: MIT Press, 1996.
- DAVIS, S. J.; HALTIWANGER, J.; FABERMAN, R. THE FLOW APPROACH TO LABOR MARKETS: NEW DATA SOURCES AND MICRO-MACRO LINKS. NBER Working Paper 12167, 2006.
- DUHAUTOIS, R. Les réallocations d'emplois en France sont-elles en phase avec le cycle ? *ÉCONOMIE ET STATISTIQUE* N° 351, 2002
- DUNNE, T.; ROBERTS, M.; SAMULESON, L. Plant turnover and gross employment flows in the US manufacturing sector. *Journal of Labor Economics*, n. 7, p. 48-71, 1989.
- FAGGIO, G. Does trade liberalization induce job reallocation and productivity growth? Evidence on countries of central and eastern Europe. Department of Economics K.U. Leuven, 2000.
- FAGGIO, G.; KONINGS, J. Job Creation, Job Destruction and Employment Growth in Transition Countries in the 90's. IZA Discussion Paper No. 242, 2001.
- GALLAGHER, C.C.; DALY, M.C.; THOMASON, J.C. The Growth of U.K. Companies 1985-87 and their Contribution to Job Generation", *Small Business Economics*, Vol. 3, pp. 269-286, 1991.
- GARIBALDI, P. Job flows and plant size dynamics: traditional measures and alternative econometric techniques. Labour, CEIS, Fondazione Giacomo Brodolini and Blackwell Publishing Ltd. v. 4, n. 2, p. 185-212, 2000.
- GENDA, Y. Job gains and losses in Japan: a comparison with Italy. *Japan Labor Bulletin*, v. 37, n. 1, 1998. Disponível em: <[http://www.jil.go.jp/bulletin/year/1998/vol37\\_01/05.htm](http://www.jil.go.jp/bulletin/year/1998/vol37_01/05.htm)>.
- GÓMEZ-SALVADOR, R.; MESSINA, J. Gross Job Flows and Institutions in European Countries, IZA Working Paper, 2003.
- GOOS, M. Labour Demand, Firm Growth and the Evolution of Industries, IZA Working Paper, 2000.
- GOURINCHAS, P.-O. Exchange rates do matter: French job reallocation and exchange rate turbulence, 1984-1992. *European Economic Review*, n. 43, p. 1.279-1.316, 1999.
- GREY, A. Job Gains and Job Losses: Recent Literature and Trends. OECD Jobs Study Working Papers, No. 1, 1995.
- HALTIWANGER, J.; VODOPIVEC, M. *Gross worker and job flows in a transition economy: an analysis of Estonia, 1999*. (World Bank Policy Research Working Paper, n. 2.082).
- HALTIWANGER, J.; KUGLER, A.; KUGLER, M.; MICCO, A.; PAGÉS, C. Effects of Tariffs and Real Exchange Rates on Job Reallocation: Evidence from Latin America, 2004.
- HAMDANI, D. Job Creation, Job Destruction and Job Reallocation in the Canadian Economy, Science and Technology Redesign Project, Statistics Canada, 1998.
- HIJZEN, A.; UPWARD, R.; WRIGHT, P. Job creation, job destruction and the role of small firms: firm-level evidence for the UK. Research paper series, Globalisation and Labour Markets, 2007.
- HOMSY, G.; COSTA, M. CRIAÇÃO E DESTRUIÇÃO DE EMPREGOS NA INDÚSTRIA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE. IPEA, Brasília, 2006.
- KAPLAN, D.; GONZÁLEZ, G.; ROBERTSON, R. Worker- and Job-Flows in Mexico, 2005.
- KLETTE, T. J.; MATHIASSEN, A. Job creation, job destruction and plant turnover in Norwegian manufacturing. *Annales d'Économie et de Statistique*, 41/42, p. 97-125, 1996.
- KONINGS, J.; LEHMANN, H.; SCHAFER, M. Job Creation and Job Destruction in a Transition Economy: Ownership, Firm Size, and Gross Job Flows in Polish Manufacturing 1988-91, CERT, 1996.
- LAWLESS, M.; MURPHY, A. Job Turnover in Irish Manufacturing, 1972-2006. Central Bank of Ireland, 2008
- LEONARD, J. In the wrong place at the wrong time: the extent of frictional and structural unemployment. In: LAND, K.; LEONARD, J. (Eds.). *Unemployment structure of labor markets*. New York: Brasil Blackwell, 1987.

- MADUREIRA, H. Criação e Destruição de Postos de Trabalho no Setor Formal Brasileiro: Uma Abordagem por Gênero. Dissertação de Mestrado – UFMG. Belo Horizonte, 2004.
- MUMFORD, K.; SMITH, P. N. *Job reallocation and average job tenure: theory and workplace evidence from Australia*. Department of Economics, University of York, 1999.
- OECD, *Employment Outlook*, Paris, September, 1987.
- PAZELLO, E.; BIVAR, W.; GONZAGA, G. Criação e destruição de postos de trabalho por tamanho da empresa na indústria brasileira. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, Rio de Janeiro, v. 30, p. 259-288, 2001.
- PICOT, G.; BALDWIN, J.; DUPUY, G. HAVE SMALL FIRMS CREATED A DISPROPORTIONATE SHARE OF NEW JOBS IN CANADA? A REASSESSMENT OF THE FACTS, *Canadian Economics Association Meetings*, No. 71, 1994.
- PICOT, G.; DUPUY, G. *Job creation by company size class: concentration and persistence of job gains and losses in Canadian Companies*. Business and Labour Market Analysis Division, Canada, 1996 (Research Paper, n. 93).
- REGEV, C. *JOB TURNOVER IN ISRAEL*, 1990.
- REINECKE, G.; FERRADA, C. CREACIÓN Y DESTRUCCIÓN DE EMPLEO EN CHILE: ANÁLISIS DE DATOS LONGITUDINALES DE LA ACHS, 2005.
- RIBEIRO, E. P. FLUXOS DE EMPREGOS, FLUXOS DE TRABALHADORES E FLUXOS DE POSTOS DE TRABALHOS NO BRASIL, 2007.
- ROBERTS, M. J. Employment flows and producer turnover. In: ROBERTS, M. E.; TYBOUT, J. (Eds.). *Industry evolution in developing countries: micro patterns of turnover productivity and market structure*. New York: Oxford Univ. Press, 1996.
- ROWTHORN, R.; RAMASWAMY, R., (1999). Growth, Trade, and Deindustrialization. *International Monetary Fund (IMF) Staff Papers*, vol. 46.
- SALVANES, K. G. Market rigidities and labour market flexibility: an international comparison. *Scandinavian Journal of Economics*, v. 99, p. 315-333, 1997.
- SPLETZER. The contribution of establishment births and deaths to employment growth. *Journal of Business and Economics Statistics*, n. 18, p. 113-126, 1998.
- STILGLBAURER, A. *et al. Job creation and job destruction in a regulated labor market: the case of Austria*. Oesterreichische National Bank (Austrian Central Bank), 2002 (Working Paper, n. 78).
- TSOU M.-W. *et al.* Worker turnover and job reallocation in Taiwanese Manufacturing. *Applied Economics*, n. 34, p. 410-411, 2002.
- TSOU, M.; LIU, J.; HAMMITT, J. Worker flows and job flows in Taiwan. *Economics Letters* 73, 2001.
- VOULGARIS, F.; PAPADOGONAS, T.; AGIOMIRGIANAKIS, G. Job Creation and Job Destruction in Greek Manufacturing. *Review of Development Economics*, 9(2), 289–301, 2005.